

VOCAÇÃO E MISSÃO NA FILOSOFIA DE ORTEGA Y GASSET

*José Maurício de Carvalho**

RESUMO

Neste artigo examinaremos as exigências íntimas que o filósofo Ortega y Gasset considera orientadoras do viver. Trata-se de assunto fundamental, pois revela o que a pessoa deve considerar na condução do seu projeto vital para não perder sua vida. A realização da vocação depende de se superar tudo o que nos impede de viver. Para Ortega, a vida está predeterminada, o indivíduo pode realizar-se ou falhar. Entender a circunstância em que uma coisa ou outra pode ocorrer é um tema essencial da ética orteguiana.

Palavras-chave: vida, vocação, missão.

RÉSUMÉ

Nous traitons dans cet article des exigences intimes qui le philosophe Ortega y Gasset considère les directrices du vivre. C'est un sujet fondamental puisque'il dévoile ce que l'on doit considérer pour conduire son projet vital et ne pas perdre le bout de sa vie. La réalisation de la vocation provient de la supériorité de tout ce que nous empêche de vivre. Pour Ortega, la vie n'est pas prédéterminée, l'individu peut se réaliser ou rater. Comprendre les circonstances dans lesquels l'une ou l'autre chose peut arriver c'est un thème essentiel de son éthique.

* Professor Adjunto do Departamento das Filosofias e Métodos da Universidade Federal de São João del Rey.

Mots-clé: vie, vocation, mission.

I. Considerações iniciais

A realidade fundamental é um complexo objeto de estudo e dizer algo dela, um desafio para as maiores inteligências. Ortega y Gasset, um dos mais conhecidos filósofos europeus do último século, tomou a si a tarefa de examinar essa questão. Ele considerou a vida o objeto central da sua reflexão, escolha que não se deu por acaso. Conforme afirma Ubiratan Macedo (2001): “Ortega não era um modesto professor vivendo de escassos proventos e fugazmente iluminado pelos refletores da fama quando da publicação de um livro mais afortunado” (p. 55). Ele foi figura pública de destaque em seu tempo e esteve no centro das dificuldades de sua geração. Conviveu com diferentes intelectuais com os quais dialoga com desenvoltura. Ele foi amigo de Albert Einstein, colega de Nicolai Hartmann e Heinz Heimsoeth; debateu com Martin Heidegger e com a maioria dos cientistas e filósofos de seu tempo. Com eles, identificou o problema de seu tempo: a vida.

Ao olhar a vida humana, enxergando-a maravilhosa realização de uma íntima e inalienável exigência, Ortega deu importância filosófica às escolhas que fazemos. O homem precisa cumprir as exigências íntimas que fazem sua vida adquirir sentido.

Este artigo examina em que consiste essa exigência íntima e como ela se relaciona com os compromissos que não podemos recusar.

II. O homem e a circunstância

Quando tentamos entender a vida do homem nos encontramos em dificuldade. Apesar dela, as questões enfrentadas pela humanidade durante o século XX impuseram a arriscada tarefa de considerá-la. Não foram os pensadores que arbitrariamente a tomaram por tema de investigação, foram as complicações da sociedade que colocaram a questão. Foram elas que transformaram a vida em tema de reflexão.

Diferentes pensadores procuraram ir à raiz dos problemas percebidos no século que findou. Que problemas os perturbavam? Lembremos alguns: a guerra civil na Espanha, a revolução socialista na Rússia, as dificuldades do comércio mundial, a queda da bolsa de valores de Nova York e a crise econômica que se seguiu, as guerras mundiais, a guerra fria, os sistemas políticos totalitários e, mais recentemente, o aumento da violência urbana associada ao tráfico de drogas, os atentados terroristas dos grupos étnicos minoritários e a guerra contra o terror. Tantos conflitos e disputas colocaram a existência humana no centro da meditação.

Ortega considera que o ponto de partida para pensar qualquer assunto é a vida mesma. Escreve Borel acerca disso (1959): “Se a vida é o momento preciso onde uma ação se realiza em uma consciência, ela não tem outro modo de ser que o ser vivida” (p. 77). Cabe-nos vivê-la. Essa compreensão orteguiana leva à valorização da vida, conclui Cascalès (1957): “Nosso tempo realiza uma conquista oposta a de Sócrates: ele descobriu o ponto onde começa o poder da razão; temos que delimitar onde ela termina. Nossa missão será igualmente oposta à dele: a razão pura deve ceder seu império à razão vital” (p. 72). De que vida fala Ortega? A vida como a experimentamos independente de qualquer explicação teórica, é ela a realidade radical. Trata-se de ir fundo no mundo da vida, ir além de Husserl, conforme já escrevemos (2002):

“O que era um elemento de certificação cognitiva na fenomenologia de Husserl, isto é, um ego proposto como origem de toda significação, torna-se a realidade mais importante, o viver concreto, a minha vida. Viver é estar no mundo, lidando com o que nos envolve, inclusive com o nosso corpo e nossa mente” (p. 22).

A vida se efetiva no tempo e no espaço, dá-se em meio a coisas que a cercam, a costumes da sociedade. Miguel Reale se refere a este espaço humanizado onde a pessoa começa a viver como um *a priori* cultural. Com esse conceito, ele quer dizer que quando chego ao mundo encontro muita coisa já feita e que isto influi no modo como o enxergo. Assim, explica o conceito (2000): “Há um *a priori* cultural,

como condição de objetivação, na qual está inerente o poder nomotético, o qual, ao mesmo tempo em que intelectivamente ordena o mundo disperso e confuso das impressões sensoriais, o torna objetivo” (p. 42). O que Ortega faz é trazer este *a priori* para o eixo metafísico da filosofia, integra-o na circunstância e o faz condição não só de compreensão intelectual, mas do ato de viver. Tais idéias o afastam da tradição neokantiana e culturalista, mas mostra os elementos do diálogo que com ela mantém.

A vida começa sem consulta prévia, ela nos é dada. Contudo, não é dada pronta, mas como tarefa a realizar. Cada pessoa irá construir a sua vida e é neste contexto que é importante considerar a vocação e a missão.

O que da reflexão metafísica de Ortega precisa ser lembrado? Para tratar da vida, Ortega usa a primeira pessoa porque viver é experimentado desta forma. O eu orteguiano não é, contudo, uma subjetividade isolada ou idealisticamente concebida à moda de Descartes ou dos idealistas modernos, mas articulado com a circunstância. Eu sou eu e minha circunstância, diz Ortega, se não a salvo, não salvo também a mim. Nesta frase, está o cerne do raciovitalismo. Na filosofia orteguiana, circunstância vai além da cultura, inclui tudo o que não sou eu, tudo onde estou vivendo, até mesmo o corpo e as disposições da alma ou consciência psicológica. É o que explica Kujawski (1994):

“Ortega não se cansa de repetir que eu não sou nem meu corpo, nem minha alma. Eu me encontro com meu corpo e minha alma como me encontro com uma fortuna que herdei, ou com a minha terra e meu povo. Eu tenho corpo e alma, com eles faço minha vida – bem como com tudo o que abrange minha circunstância, meu contorno natural, social e histórico – mas não sou nenhum deles” (p. 51).

Eu sou o que faço com a minha circunstância. Para viver, não posso permitir que ela anule o meu projeto radical, o que leva o filósofo a dizer que se algo da circunstância me impede de viver preciso alterá-la. Como já explicamos em outra oportunidade (1996): “Ortega entende que o verdadeiro sentido da transcendência é a

capacidade de ir além do previsível, do repetido” (p. 84). E há mais. Em que condição isto nos coloca? Já o dissemos (1989): “Não existe segurança, o novo é possibilidade permanente. A trajetória de um homem não é a trajetória de um astro” (p. 70). Então, como executo o meu projeto vital? Não como um planejamento racional, como o que faço para as minhas aplicações financeiras. Na avaliação de Ortega, o projeto vital é aquele que aparece diante de mim, ele traduz o que tenho que ser sob o risco de me perder se não o seguir.

Ortega y Gasset levou adiante uma cuidadosa reflexão sobre a vida humana. Apresentadas estas observações gerais, vamos nos concentrar na questão do destino de cada um, na vocação e na missão propriamente ditas.

III. A vida como Missão

Como a vida não nos é dada pronta, cabe a cada pessoa fazer escolhas. A vida está sempre em construção, ela possui possibilidades inerentes às escolhas. “Para entender o acaso da vida, as oportunidades que surgem em diversos momentos, é fundamental saber o que é a circunstância, para o que é muito proveitoso estabelecer um diálogo com Ortega y Gasset” (Carvalho, 1998, p. 111). Na efetivação de sua missão, a pessoa considera os elementos que dispõe para realizá-la, os aspectos que integram sua circunstância. Para ser um atleta, é preciso alimentação específica, treinamento rigoroso, vida regrada, entre tantas coisas. Para se tornar um profissional qualquer, é preciso fazer muitas coisas em vista deste projeto. Isto significa, diz Marías (2004): “Que o homem é um programa vital, um projeto ou esquema que pretende realizar e que teve de imaginar em vista das circunstâncias” (p. 509).

Realizar uma missão não é tarefa fácil, e nem para ser cumprida de uma vez. A missão é efetivada com ações específicas, isto é, é composta de partes. Viver, portanto, tem um lado dramático, é perigoso e arriscado. As escolhas ordinárias, a saber, aquelas preferências corriqueiras que se manifestam diariamente, integram a história de nossa vida. A grande missão não se faz à parte dessas escolhas. No ensaio *Goethe, desde dentro*, Ortega fala de missão e vocação,

conceitos próximos mas que não se confundem. A vida é missão, uma antecipação de si mesma. Esclarece o filósofo: “Se vive desde o futuro, porque viver consiste inexoravelmente em fazer, em fazer cada um a si mesmo” (p. 396). No entanto, esta antecipação pode não levar à realização da missão mesma, pode desviar da meta perseguida. Gilberto Kujawski (1986) elucida a questão dizendo que “a vocação consiste, precisamente, neste si mesmo que a vida tem que realizar para não se falsificar. A vocação é a verdade do projeto, a forma última da minha vida, meu destino” (p. 15). Dito de outro modo: “a fidelidade de qualquer um a si mesmo é a sua vocação” (Salas, 2003, p. 98). O que significa que a vocação não é consciente, mas está presente todo o tempo alimentando a missão, justificando os projetos construídos. É o que também nos diz Gilberto Kujawski:

“Somos conscientes de nossos projetos que são esquemas de ações futuras, porém não de nossa vocação, na medida em que pesa como uma crença. A vocação, em contrapartida, decide os projetos que o indivíduo adota. Ao segui-los nos identificamos conosco mesmos, quer dizer, nos damos e nos expressamos em nossos atos de uma forma mais plena e completa que quando nos limitamos a repetir o que se espera de nós” (idem, p. 96).

O que Ortega revela no seu ensaio sobre Goethe é uma admiração profunda pelo poeta alemão que, como diz Marías (1991), faz “da interpretação da vida mesma sua obra, fala da vida como exigência de autenticidade” (p. 181). O poeta soube expor, com uma visão toda sua, as dores humanas. Ele pôs a dor tal como a sentia em seu peito. Quem lê Goethe, diz Marías, “encontra sua própria verdade iluminando uma porção essencial de sua radical e pessoal doutrina” (idem, p. 183). Com Goethe, a vida adquire o significado que ela autenticamente possui e isto significa, na compreensão de Marías, que na obra do notável poeta, o homem desponta como “projeto vital, programa, pretensão, destino, missão, vocação” (idem, p. 186).

À medida que amadurece sua reflexão, Ortega aprofunda o que havia antecipado no estudo sobre Goethe. No ensaio *Misión del bibliotecario*, ele explica que a missão é algo que aparece na vida

humana: "Missão, afirma, significa de pronto o que um homem tem que fazer em sua vida. Pelo visto, a missão é algo exclusivo do homem. Sem homem não há missão" (p. 210). Além disto, ele completa, a missão é algo que é imposto internamente, mas que o homem pode não realizar. Eis como o afirma: "o que o homem tem que fazer, o que o homem tem que ser, não lhe é imposto, senão proposto" (idem, p. 210).

No *Prólogo a 20 anos da casa maior do Conde de Yebe*, o filósofo mostra que a complexidade cultural e a diversificação social dão origem a vocações amplas como a do: caçador, dançarino, guerreiro etc. Entende que as profissões não fecham a vocação que só se revela num modo único e pessoal de vivê-la. Com o aperfeiçoamento da vida social, as profissões assumem um sentido cada vez mais diferenciado, a vocação de cada um faz dele um mundo singular. Ortega fala desta possibilidade de assumir vários rumos como coisa própria do homem. Afirma: "Essa capacidade de ser, uma atrás da outra, infinitas coisas diferentes, sem que haja uma só imaginável que pode em princípio excluir-se de sua possibilidade, é o verdadeiro sentido da palavra homem" (idem, p. 472).

O homem é o que se passa com ele, o modo como faz cada escolha, como leva adiante suas opções diárias antecipando sua grande missão. No âmbito das ocupações, a condição de sujeito que faz escolhas aparece assim: "não há remédio que escolher um programa de existência, com exclusão das restantes; renunciar a ser uma coisa para poder ser outra, em suma, preferir umas ocupações as demais" (idem, p. 422). Há, portanto, atos que contribuem para realização das missões e outros que não contribuem.

IV. A vocação como missão

A obediência à vocação aparece na filosofia de Ortega y Gasset como um objetivo que se deve buscar com dedicação e empenho. Conforme resume Barata-Moura (2003), na filosofia de Ortega, "viver é sempre, sem pausas nem descanso, fazer; ou como Ortega precisa, numa outra formulação típica: O homem que não é, vai-se fazendo na série dialética das suas experiências" (p. 43). Na confe-

rência *Vieja e nueva política* (1914), o filósofo refere-se à necessidade íntima de cada pessoa como a um chamado que não se pode deixar de atender. No aprofundamento da temática, ele vai expondo, com clareza crescente, conforme observa Margarida Amoedo (2002): “que o homem deve ser capaz de optar de forma a que a sua ação seja conforme ao plano da sua realidade íntima” (p. 236). Esta compreensão, segundo a mesma estudiosa da obra orteguiana, reaparece no pequeno artigo *Estética en el tranvía* (1916); nele, “o filósofo sustenta que em todos os domínios da nossa experiência de vida cada um de nós apenas deve ser julgado pelo que realiza do projeto que ele próprio é” (p. 238). Ortega afirma: “Eu não posso querer plenamente senão o que em mim brota como apetite de toda minha individual pessoa” (p. 38). Margarida Amoedo afirma ainda que o núcleo que constitui a vida íntima de cada um de nós é descoberto na análise conceptual da vida mesma. Através dela, vamos perceber que a estrutura do viver encontra no interior de todos nós um programa a ser obedecido.

Para realizar uma missão, tenho que fazer muitas coisas. Algumas delas decorrem de mecanismos psicológicos, como recordar e imaginar que não asseguram que eu realize o que projeto. O resultado destas atividades não sei qual será, não sei se conseguirei resolver um problema quando procurar uma solução para ele.

Em algumas atividades, o empenho e a responsabilidade pessoal não são garantias de efetivação, pois é correto entender que elas ocorrem em nós. Eis alguns exemplos: respiramos, reagimos a estímulos do meio, ora retirando a mão de um lugar quente, ora fugindo do ruído intenso. Em muitas outras, as coisas não são desta maneira, as escolhas serão importantes na formação do que seremos.

“Além do que se passa em nós, fazemos coisas que dependem de nosso querer: escrevemos um livro, uma carta para um amigo, realizamos negócios, projetamos uma casa, compomos uma canção ou uma poesia, conversamos com alguém” (Carvalho, 2004, p. 67).

Neste caso, o homem é livre para realizar essas coisas. O homem é livre para fazer as escolhas que efetivarão o seu projeto vital

ou missão. A coisa é ainda mais radical, ele pode escolher realizar ou não sua missão. Nas escolhas, a liberdade não se exercita num vazio, ela se concretiza sob um conjunto de condições pessoais, aspectos íntimos, parte integrante dos propósitos vitais, aspectos que Ortega reúne com o nome de vocação. Quando as escolhas se efetivam de acordo com eles, estamos diante de uma vida autêntica. Uma vida inautêntica é, ao contrário, a infidelidade a aspectos da intimidade pessoal que falseia as escolhas que se faz.

O respeito aos ditames íntimos da vocação é o eixo basilar da ética orteguiana. O homem moral é aquele que move todas as forças íntimas para realizar sua missão, ou que consegue dar curso aos aspectos constitutivos de sua vocação usados para realizar a missão. Pode-se, então, dizer que a missão foi bem executada ou não. Entre os dois extremos há uma quantidade infinita de alternativas ou possibilidades que faz da atuação pessoal algo melhor ou pior. Por isto, o cumprimento da missão que envolve uma vida tem um comportamento moral, uma obrigação da qual não se pode eticamente se esquivar. Assim, embora seja possível realizar uma vocação, é praticamente impossível vivê-la de modo completo e definitivo. Há na vocação um caráter de permanente incompletude, uma dimensão utópica.

O que ocorre na vida é a ação pessoal, uma forma de conduta destinada a realizar a própria vocação. Isto significa, segundo as palavras de Jesús Conill (2003), que “a pessoa tem que ganhar a vida para si, metafisicamente falando” (p. 105). Ela precisa criar um modo único de ser a partir de sua experiência vital. No entanto, Ortega evita falar deste empreendimento de um modo que possa sugerir uma solução idealista. O eu de Ortega não está sozinho, desacompanhado, o eixo metafísico do raciovitalismo tem algo da sociedade que é inseparável do eu. Eu sou eu e minha circunstância, dizia Ortega. Porém, esta fórmula não traduz tudo o que pensa o filósofo. Não há como entender a autenticidade como fidelidade a um mundo interior sem considerar as normas e valores de uma cultura num certo momento da história. Também não há uma forma de realização pessoal que desconsidere as condições objetivas de o homem se realizar. Conforme esclarece Ignácio Câmara (2000):

“A ética de Ortega não é uma ética formal em que o bem se identifique com a mera autenticidade (...). A ética de Ortega não é um ética sem deveres e valores. Se fosse, careceria de sentido a maior parte de sua obra, sua teoria da minoria seleta e sua pedagogia, em suma sua metafísica da vida humana” (p. 163).

A vocação se refere, pois, à realização de um chamado íntimo que não se desvincula das necessidades culturais, ou dos desafios de um certo tempo. Por isto, vocações genéricas podem adquirir perfil mais específico com desenvolvimento da sociedade humana. A vocação consiste na efetivação de aspectos necessários para a cultura num certo tempo, está portanto relacionada a valores. São estes valores sociais que atraem os indivíduos para realizar uma missão. A rigor, não se fala de vocação num sentido anti-social, ou para realizar ações contrárias aos ideais consagrados numa cultura. Apesar de diferenças em relação ao que postulam os culturalistas herdeiros de Kant, este vínculo entre a vocação e os valores não é diferente no raciovitalismo e entre os herdeiros de Kant.

Há um outro aspecto importante, a vocação não coincide com as habilidades de uma pessoa. Elas podem ajudá-lo ou, às vezes, dificultar que ele realize sua vocação. Há casos extremos em que as habilidades dificultam a vocação. Explica Gilberto Kujawski (1994) que “quem está dotado para várias e diferentes funções ao mesmo tempo tem dificuldade em ser fiel à sua legítima vocação” (p. 52). Por que assim ocorre? É que qualquer vocação “implica numa imagem individualíssima e única, exigindo dedicação exclusiva” (idem, p. 52). Um exemplo que apresenta ajuda a clarear o que quer dizer. Gioacchino Rossini, autor de composições imortais como: *O barbeiro de Sevilha* (1816), *Otelo*, *Cinderela*, *Guilherme Tell*, *Uma Missa*, abandonou a tarefa de compor no auge da fama para se entregar completamente à paixão pela culinária. Os dotes musicais o desviaram, certo tempo, de sua vocação, mas ele acabou reconhecendo-a e seguindo-a.

V. A vocação como compromisso ético

Compreender a vocação como uma espécie de fundamento das

escolhas que se faz para viver significa reconhecer que ela é um problema ético. Procuramos indicar que Ortega enxerga em cada homem um sentido interior que brota do mais íntimo do seu ser e que a isto ele denomina vocação. A realização deste ímpeto originário é a missão. A obediência à vocação ao se dar curso à missão confere à vida um sentido pessoal e autêntico. Nesse caso, o existente é o responsável por seu futuro, o que significa que escutar a própria vocação é fazer o devir brotar de exigências internas, conforme diz Leopoldo Gonzáles (2001).

“A escuta desta voz íntima transformada em missão, faz com que a vida humana se desenvolva de dentro para fora, tornando, de cada um lado, o existir autêntico alérgico às máscaras, pois a vida falseada é não vida” (p. 50).

Para viver, o homem faz escolhas que nascem de exigências íntimas. Essas demandas profundas Ortega reúne sob o nome de vocação e são elas que alimentam o projeto radical que orienta cada um. O viver tem, pois, um alicerce interno de onde cada existente parte. O sentido que dá curso a uma vida autêntica é um vetor de dentro para fora. Uma vez principiado esse processo não há retorno possível. Viver é, como também dizem os fenomenólogos, uma jornada única e irrepetível. A felicidade possível brota da realização da vocação; impedir que ela se manifeste desarticula o sentido para viver considerado pelo filósofo o único possível. A felicidade, que depende de uma certa concordância do modo de viver com os impulsos internos, não ocorre sem obediência à vocação.

A vida não é um impulso cego, ela leva em conta a razão. Razão e força vital aparecem juntas, integram um programa que Ortega denomina raciovitalista. O que isto significa? Responde Saldanha (2004): “o raciovitalismo foi pensado como união do racionalismo com o vitalismo, ou como exclusão dos dois pela própria união, creio que teve para Ortega o sentido de um caminho de legitimação” (p. 170).

O viver que daí brota tem um fundamento ético incontornável. “A ética está encravada no miolo da nossa autenticidade; ou realiza-

mos o nosso ser, e então somos éticos, ou não o realizamos, aí em lugar de vida temos frivolidade” (idem, p. 51).

Quem transita sempre infeliz no espaço social está descumprindo as exigências de sua vocação. Desobedece o influxo vital que preside sua vida. Isto não é uma fatalidade porque não estamos obrigados à aceitação passiva do que nos oprime; porém, indica o caráter ético do projeto vital. Isto não significa que o futuro seja uma escolha linear de cada pessoa, mas o futuro também não é uma rota inevitável. Vocação e missão são partes de um dos mais importantes capítulos da ética raciovitalista. Qual é o eixo desta ética? O homem é capaz de escolher e suas opções se fundamentam na realização do que ele traz no íntimo. Este vínculo entre a vocação e a ética foi resumido por Julián Marías no maravilhoso capítulo sobre Ortega, que ele escreveu em sua *História da Filosofia* (2004). Eis o que diz:

“Quando a vida se faz desde o próprio eu, quando o homem é fiel a essa voz que o chama a ser uma determinada coisa e por isso recebe o nome de vocação, a vida é autêntica; quando o homem se abandona ao tópico recebido, quando é infiel à sua íntima e original vocação, falseia sua vida e torna-a inautêntica. A moralidade consiste na autenticidade, em levar a seu máximo de realidade a vida; viver é viver mais. A moral consiste em que o homem realize seu destino pessoal e insubstituível” (p. 511).

VI. Considerações finais

Viver é uma aventura pessoal que somente se realiza na primeira pessoa. Pudemos mostrar, neste trabalho, que viver é um fazer relacionado a exigências íntimas. “Viver significa alterar a circunstância para operacionalizar uma missão ou realizar uma vocação” (Carvalho, 2003, p. 35).

Como a vida só ganha significação se a pessoa obedece à sua vocação, se ela não a escuta, o mais certo é que se perca na vida. A realização da vocação depende de se superar as circunstâncias que nos impedem de viver. Para Ortega, a vida não está predeterminada, o indivíduo pode realizar-se ou falhar. Esta é uma questão importan-

te da ética orteguiana conforme já explicamos (2004): “A circunstância não determina, portanto, que se falhe na realização de uma vocação, nem assegura que a realize, é o modo como cada um segue o seu rumo que leva a uma ou outra coisa” (p. 26).

A vida é algo que se realiza com as escolhas e por isto é fundamentalmente histórica, ela se solidifica no tempo. Isto não significa que o homem não tenha uma natureza, mas que ela será melhor compreendida se olharmos sua história. A própria circunstância presente na vida de cada um é histórica, como observa Nelson Saldanha (1986): “E a circunstância posta na mais citada de suas frases é obviamente histórica, sobretudo se se toma como ponto de referência a afirmação sobre a historicidade do humano” (p. 16).

Bibliografia

AMOEDO, Margarida Isaura Almeida. **José Ortega y Gasset: a aventura filosófica da educação**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2002.

BARATA-MOURA, José. Do revolucionamento como moléstia. **Philosophica**, Lisboa, 21: 33-45, 2003.

BOREL, Jean-Paul. **Raison et vie chez Ortega y Gasset**. Neuchatel: A la baconnière, 1959.

CÂMARA, Ignácio Sanches. Ortega y Gasset y la filosofía de los valores. **Revista de Estudios Ortegaianos**. Madrid: Fundación José Ortega y Gasset, v. I: 151-170, 2000.

CARVALHO, José Mauricio de. Lições de Ortega sobre a vida humana. **Ética e Filosofia Política**. v. I, n. I: 81-89, 1996.

_____. **O homem e a filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

_____. **Filosofia da cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989.

_____. **Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset.** Londrina: Cefil, 2002.

_____. Ortega y Gasset, um interlocutor ainda atual. In **Atas do Colóquio Ortega y Gasset.** São João del-Rei: UFSJ, 31-43, 2003.

_____. Ortega y Gasset e a filosofia clínica. **Vertentes.** São João del-Rei, n. 23: 22-27, jan./jun. 2004.

_____. Vida e valores na filosofia da razão vital de Ortega y Gasset. In: **Problemas e teorias da ética contemporânea.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CASCALÈS, Charles. **L' humanisme d' Ortega y Gasset.** Paris: Presses Universitaires, 1957.

CONNIL, Jesús. Razón experiencial y ética metafísica en Ortega y Gasset. **Revista de Estudios Orteguianos.** Madrid: Fundación José Ortega y Gasset. v. VII: 95-117. 2003.

GONZÁLES, Leopoldo Jesus Fernández. **A gratuidade na ética de Ortega y Gasset.** São Paulo: Annablume; Riomar, 2001.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **Viver é perigoso.** São Paulo: GDR, 1986.

_____. **Ortega y Gasset e a aventura da razão.** São Paulo: Moderna, 1994.

MACEDO, Ubiratan Borges de. A filosofia de Ortega y Gasset. In: **A presença da moral na cultura brasileira.** Londrina: EDUEL, 2001.

MARIAS, Julian. **Acerca de Ortega.** Madrid: Espasa-Calpe, 1991.

_____. Ortega e sua filosofia da razão vital. In: **História da filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ORTEGA Y GASSET, José. *Estética en el tranvía. Obras Completas.* Tomo II. 3ª reimpresión. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

_____. *Goethe desde dentro. Obras Completas.* Tomo IV. 2 reimpresión. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

_____. *Misión del bibliotecario. Obras Completas.* Tomo V. 2 reimpresión. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

_____. *A veinte años de caza mayor, del conde de Yebes. Obras Completas.* Tomo VI. 2 reimpresión. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

REALE, Miguel. *Cinco temas do culturalismo.* São Paulo: Saraiva, 2000.

SALAS, Jaime de. *Ortega y a ética de la perspectiva. Revista de Estudios Orteguianos.* Madrid: Fundación José Ortega y Gasset, v. VI. 2003.

SALDANHA, Nelson. *Historicismo e culturalismo.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Recife: FUNDARTE, 1986.

_____. *Ortega e o tema das gerações. Revista Brasileira de Filosofia,* 53 (214): 165-180, abr./jun. 2004.

Data de Registro 29/11/04

Data de Aceite 17/02/05